

Fim da união deixa feridas expostas

SUELENE TELES

Está tudo como dantes no quartel de Abrantes. Depois de quase 20 dias de idas e vindas, de intensas negociações, debates, trocas de acusações (algumas delas pesadas), o PPS continua fora da Frente Brasília Popular e, desta vez, poderá ser para sempre ou pelo menos até as eleições do dia 4 de outubro.

A tentativa de reaproximação de Augusto Carvalho do espaço político comandado pelo governador Cristovam Buarque, ao invés de cicatrizar as feridas abertas em mais de um ano de separação, teve o efeito contrário de arrancar suas cascas e provocar novo sangramento.

Indignação

Ferido e indignado, como se tivesse sido traído pela segunda vez, o PPS sai atirando para todos os lados, mas querendo, na verdade, acertar Cristovam, em cheio. O PT, por sua vez, terá garantido para si o discurso de ter tentado, até às últimas consequências, organizar uma verdadeira frente de esquerda no DF.

Só não tendo conseguido pelo fato de o PPS não ter aceito uma condição "tão simples" como a que proíbe o pedido de votos para o candidato do PPS à Presidência da República, Ciro Gomes, no horário de propaganda eleitoral gratuita, onde os donos da bola são o PT de Lula e o PDT de Brizola. A quem, portanto, será imputada a culpa do fracasso da tentativa de reaproximação do PPS de Augusto Carvalho com a Frente Brasília Popular?

A resposta pode parecer simples, mas não é. Os valores para se analisar e até julgar o resultado, positivo ou negativo, de uma negociação no mundo da política não são os conhecidos pelo mundo cristão ou dos "bonzinhos". Como bem definiu o presidente do PT, Chico

Vigilante, política se faz com gestos e símbolos. E muitos desses símbolos são sutis demais para a compreensão geral. No universo da política, nem sempre uma vírgula significa uma vírgula. Um simples ponto pode revelar um universo de intenções.

No caso específico da reaproximação do PPS com a Frente, o que fica evidente, sem a necessidade de grande esforço de raciocínio, é a realidade de que muito antes do início das conversas entre os mandachuva das legendas em questão, todo mundo estava negociando

Como se tivesse
sido traído pela
segunda vez, PPS
sai atirando para
todos os lados,
mas querendo, na
verdade, acertar
Cristovam,
em cheio

do com todo mundo. O PT já havia prometido o Senado para o PDT.

Inegociável

O encontro regional do PT, uma instância interna do partido, com poder de decisão

inquestionável, havia decidido que a vaga de vice era inegociável. E o PPS estava, há algum tempo, conversando com a via eleitoral do senador José Roberto Arruda. Chegou inclusive a circular uma informação de que o ex-governador Joaquim Roriz havia tentado um contato com o partido de Augusto.

Questionado sobre essa possibilidade, Roriz respondeu, à época, que um acordo entre o PMDB e o PPS não seria possível em função, segundo ele, de o PPS ser um partido de esquerda muito radical. Mas a possibilidade foi aventada. Portanto, o resultado final das diversas composições que poderão surgir ao final de toda esta movimentação não deverá ser motivo de surpresa indignada do universo político.

Isso posto, fica mais fácil entender e até compreender, uma vez mais, que, em política, os conceitos de fidelidade e traição não comportam, por exemplo, a mesma definição do mundo do amor folhetinesco.